

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha da Tarde*

Class.: 421

Data: 30.04.66

Pg.: _____

Arqueólogos Provam Existência de Índios Há 6 Mil Anos no RGS

Reportagem de Ribeiro PIRES

Fotos de Afonso KLEIN

SÃO LEOPOLDO (da Sucursal) — Os arqueólogos, homens e estudantes que tanto fazem pela história do RGS, são os grandes desconhecidos do público. Fechados em reuniões ou seminários, debatem o valor e a origem dos sítios arqueológicos espalhados pelo território gaúcho, ou em pleno campo, escavando, coletando material, cacos de barro e ossos de civilizações já desaparecidas, reconstituem aspectos importantes da nossa história, enriquecendo-a e transmitindo esses conhecimentos em cursos e aulas.

Mas, o que é, no fundo, a Arqueologia? poderá perguntar o leitor, menos afeto ao termo.

É isso mesmo que foi dito linhas acima. É a ciência que estuda e reconstitui a vida, os grupos humanos já desaparecidos, como viveram, com que se vestiam, que tipos de alimentação preferiam e como morriam.

Hoje em dia, muito se faz, no Estado, pela Arqueologia. Além de matéria importante, mesmo um tanto desconhecida, ela apaixona a quem dela se aproxima. E o resultado dessa ciência traz a lume dois fatos preponderantes: o conhecimento histórico e o aproveitamento do solo pelas populações através dos tempos.

SÃO LEOPOLDO E O CENTRO

O Centro de Arqueologia do Rio Grande do Sul está em São Leopoldo, atualmente num amplo pavilhão anexo à Faculdade de Filosofia, dos padres jesuítas. Aí, no Instituto Anchietano de Pesquisas, o pe. Pedro Inácio Schmitz, diretor, vive o seu dia-

a-dia na Arqueologia, rodeado de professores e alunos e estudiosos da matéria.

Salas amplas, na maior das quais estão os restos de civilizações que viveram há mais de mil anos no Estado, em todas as regiões. Índios caçadores e índios agricultores, tribos não mais existentes, estão ali, representados por urnas funerárias, cachimbos, pontas de flechas, cacos de objetos, adornos que usavam nos lábios e orelhas e até brinquedos de indiozinhos feitos em pedra, etc. Tudo estudado minuciosamente, para tornar mais clara a formação da história do RGS.

GRANDES CENTROS

Esse árduo e anônimo trabalho de arqueologia, cujo centro é São Leopoldo, tem obtido resultados notáveis. Inúmeros já são os locais descobertos, onde escavações mostraram existir civilizações em todos os recantos gaúchos, há mil anos passados. Torres, Osório, Taquara, Gramatá, São Francisco de Paula, Caxias do Sul, Santa Maria, o próprio "Vale do Sinos", são locais que forneceram e continuam a fornecer abundante material aos arqueólogos.

HA' SEIS MIL ANOS

Disse o pe. Pedro Inácio Schmitz, diretor do Instituto An-

chietano do RGS, na Faculdade, e do Setor de Antropologia da UFRGS, que escavações e estudos vieram provar a existência de índios caçadores em nosso Estado, há mais de seis mil anos. Essa tribo habitava várias regiões, cujos nomes não foi possível ainda descobrir.

A caverna escavada numa região de Osório, no litoral, cujo local exato não é revelado para que "turistas" não o visitem, tentando recolher material — sem valor para os legos, mas de extraordinária importância para os estudiosos — possui seis mil anos de idade, mais ou menos. E o material coletado é tão interessante que, foi aceito para ser datado gratuitamente, pelo método do carbono radioativo (C-14), no "Smithsonian Institution", de Washington. Tratase, revelou o pe. Schmitz, de uma civilização indígena que existiu em Osório, semelhante à que foi estudada na caverna de Intihua-si, na Argentina, datada de oito mil anos. O estudo e a publicação do abundante material da caverna, em Osório, pelo prof. Eurico Miller, de Taquara, um excelente arqueólogo, colocará a Arqueologia do RGS sob uma luz completamente diferente no país e na América do Sul. O prof. Miller escavou em várias re-

Pe. SCHMITZ E AS URNAS FUNERARIAS



Mostrando as urnas funerárias feitas de barro, onde eram sepultados os índios mortos, juntamente com certa quantidade de alimentos, segundo o ritual, o Pe. Pedro Inácio Schmitz, diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas, relatou o trabalho de arqueologia à reportagem

giões, especialmente na zona nordeste gaúcha, encontrando mais de duas centenas de novos locais. O arqueólogo atua com verba do Museu Nacional dos Estados Unidos.

INTERESSE DOS AMERICANOS

O pe. Inácio Schmitz explicou à reportagem que o governo americano mostra grande interesse pela Arqueologia brasileira, pois considera ser a América Latina um deserto arqueológico ainda não explorado; ao passo que nos Estados Unidos todo o trabalho já foi feito, esgotando o território.

O governo federal, por outro lado, através do Ministério de Educação e Cultura, da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tem dado grande apoio aos arqueólogos. Anualmente, o Instituto Anchietano do RGS, sediado em São Leopoldo, recebe verba para atuar, estudar os recantos, descobrir novos sítios arqueológicos, provar, com estudos, como viveram as civilizações já desaparecidas.

EXPEDIÇÕES PELO INTERIOR

Os arqueólogos efetuam expedições, que duram vários dias, pelos campos, levando todo o material para escavação, má-

quina para fotografar, e retornam com abundante material de pesquisas. O pe. Inácio Schmitz e o prof. Artur Bládio Rambo localizaram, no ano passado mais de quarenta novos sítios arqueológicos na região industrial litoral planalto e baixada. Fichas completas e "croquis" são feitos recolhidas as amostras e diversas novas culturas indígenas são descobertas.

As expedições continuam e aspectos curiosos foram revelados pelo pe. Schmitz. Por exemplo: há mil anos passados os Guaranis, índios agricultores do RGS, se alimentavam de batata doce, amendoim e milho. Usavam o fumo, na época, fortíssimo. Vestiam-se com peles e, quando morriam, eram sepultados em urnas funerárias, feitas de barro e trabalhadas. Havia brinquedos feitos de pedra para os filhos dos índios, as pontas de flechas eram também de pedra, muitas envenenadas com Curare, terrível veneno.

Em suma, os arqueólogos, professores e estudantes, que tanto fazem pela História do Estado, são desconhecidos do grande público, mas continuam em seu labor, persistentes que são, enriquecendo aos poucos, a História gaúcha.

FLECHAS ENVENENADAS



Pontas de flechas, a maioria envenenada com "curare", encontradas nas escavações em Santa Maria, no sítio arqueológico onde viveram há mais de mil anos os índios guaranis, estão na Faculdade de São Leopoldo